

7 de dezembro – festa litúrgica

S. AMBRÓSIO, bispo e doutor da Igreja



É inútil sublinhar que a intervenção daquele homem nos transtornou por completo. Tudo o que, desde pequenino, tinha aprendido sobre o santo de Milão era, num instante, literalmente atirado para o caixote do lixo, e em seu lugar, eis-me diante de um homem repleto de contradições imprevisíveis e de uma coragem que, sem exagerar, raiava a loucura.

DARIO FO.

vou contar-vos Ambrósio,
a verdadeira história do Santo

LOGO APÓS O FIM DA ÚLTIMA GRANDE GUERRA, surgiram em Milão inúmeros grupos culturais que ofereciam aos jovens das várias escolas, universidades e academias, a possibilidade de enriquecer os seus conhecimentos e pensamentos.

Naturalmente, os mais frequentados eram, na sua maioria, os de matriz comunista, anárquica ou religiosa. Entre estes grupos, sobressaía o Centro San Fedele, orientado pelos Jesuítas, fundado pelo Padre Arcângelo Favaro, que publicava uma revista com argumentos e pesquisas, realmente, insólitas sobre questões da cultura, das lutas sociais e da justiça.

Eu tinha, então, dezoito anos e, com os meus colegas de curso, frequentei aquele grupo de pesquisa que, além disso, nos oferecia, a nós rapazes, um amplo espaço onde assistir a projeções cinematográficas de vanguarda e documentários sobre espetáculos, exposições internacionais de pintura, e concertos de autores do passado e contemporâneos.

No final destas lições de arte e de história, que há anos o fascismo tinha excluído, quase totalmente, dos programas escolares, participávamos em debates conjuntos. E foi, precisamente, num destes encontros, que tive oportunidade de assistir a uma preleção sobre Santo Ambrósio.

O relator – um jesuíta que, pelos aplausos com que foi acolhido, devia possuir uma credibilidade notável junto de todos os presentes – começou a desorientar o público, logo a partir das primeiras explanações dos seus pontos de vista: “Estou aqui para vos falar de Aurelius Ambrosius, autêntico fundador da igreja cristã desta cidade, que inventou a música sacra, a partir de cantos populares famosos nas tabernas e nas danças populares”.

Depois, prosseguiu, não sem antes colocar a todos nós uma pergunta provocadora: “Ambrósio que, no século IV depois de Cristo, viveu aqui em Milão, e aqui atuou como conselheiro principal do imperador, e que foi, depois, constrangido, pelo furor do povo, a vestir a túnica de Bispo da cidade, deve ser considerado, realmente, um Santo Homem digno da fama e da santidade que lhe é prodigalizada? E mais: terá ele subido aos níveis máximos do poder por mérito indiscutível, ou graças ao apoio de homens de negócios políticos e financeiros, como ainda sucede hoje em dia? E, para terminar, terá sido ele um homem justo e leal, humilde e tolerante, como nos contam alguns historiadores da época, ou um déspota arrogante e implacável? E, sobretudo, que relações tinha ele com a classe possidente, no que toca à exploração da classe dos deserdados?”

“Meu Deus... mas vocês têm a certeza – perguntei aos meus companheiros de academia – que este sábio contador de fábulas é mesmo um Jesuíta?”

“É inútil sublinhar que a intervenção daquele homem nos transtornou por completo. Tudo o que desde pequenino tinha aprendido sobre o santo de Milão

era, num instante, literalmente atirado para o caixote do lixo, e em seu lugar eis-me diante de um homem repleto de contradições imprevisíveis e de uma coragem que, sem exagerar, raiava a loucura. Foram as homilias de Ambrósio que, sobretudo, nos surpreenderam. Era como se estivéssemos a participar num jogo de massacre e de profanação.

Nessa mesma tarde, fui à biblioteca de Brera, onde me tornara amigo de um dos responsáveis pelo empréstimo de livros, e perguntei-lhe se era possível ler algo de insólito sobre Santo Ambrósio. O meu amigo exclamou: “Mas o que é que se passa convosco? Em meia hora, és o quinto jovem que aqui vem, a pedir-me algo para ler sobre Santo Ambrósio!” Respondi: “Não conseguirias entender, é uma história que tem a ver com os jesuítas!” A partir daquele dia, dediquei-me a recolher uma quantidade enorme de documentação, toda ela inteiramente desconhecida até aí. Devo dizer a verdade: juntamente com a figura de Santo Ambrósio tive de estudar, também, todo o período histórico do final da hegemonia romana sobre o mundo. Depois de quase trinta anos, na altura em que eu e Franca resolvemos abandonar o teatro tradicional e iniciar uma tournée que duraria dez anos, num circuito completamente inventado, de pavilhões desportivos, de igrejas retiradas do culto, de cinemas desativados, de Casas do Povo, eis que retomo o projeto de escrever e levar à cena uma história sobre Santo Ambrósio.

A maior parte dos meus companheiros de aventura olham-me como se eu tivesse enlouquecido: “Em que é que nos estamos a meter, estamos aqui para falar dos problemas dos trabalhadores e dos estudantes em luta por uma nova cultura! O que estamos nós a fazer? O que andamos nós a organizar, um movimento para a revisão histórica dos santos da igreja?”

E assim tivestes de esperar, ainda, mais de vinte anos, para que chegasse, finalmente, a ocasião de eu poder arquitetar uma história sobre Ambrósio, capaz de ser apresentada em teatro. Não num lugar qualquer, mas precisamente no Pequeno Teatro de Milão – o Strehler – com Franca no papel de mãe de Ambrósio e de Justina, a imperadora do reino de Roma. Não sozinho, mas apoiado na direção de Felice Cappa, organizamos uma versão televisiva a oferecer à RAI, a fim de que procedesse à sua emissão.

Hoje, após cinco anos, estamos, finalmente, em condições de vos mostrar este nosso trabalho emitido pela RAI 5, precisamente no dia dedicado a Santo Ambrósio, o Santo de Milão, (07 de dezembro) logo após a abertura do concerto inaugural da temporada do Scala de Milão, aproximadamente às 21h15min, hora local.

DARIO FO, prémio Nobel de Literatura (1997), em artigo publicado por *il Fatto Quotidiano*, 04-12-2014.

Fo e Ambrósio. Revolução em Milão



Não é um encontro previsível. Se quisermos ser sinceros trata-se, mais propriamente, de dois encontros imprevisíveis.

Entre um mestre saltimbanco, que nunca revelou uma excessiva simpatia pelos eclesiásticos. O jornal *Avvenire* encontra-se com **DARIO FO**, Prémio Nobel da

Literatura, que se encontra com Santo Ambrósio, bispo de Milão, e de Milão patrono.

A ocasião é-nos facultada pela televisão. Amanhã, será às 21,10, logo após a emissão, em direto, da “première” do Fidelio da Scala, a Rai5 emite a gravação de *Santo Ambrósio e a invenção de Milão*, o espetáculo que Fo encenou em 2009, no Piccolo Teatro. Uma reprise, à qual o autor ficou, particularmente, ligado, por ter sido a última na qual atuou juntamente com a mulher, a inseparável Franca Rame, falecida a 29 de maio de 2013.

Nas semanas subsequentes, o mesmo canal transmitirá uma série de peças teatrais de Fo – dez ao todo – inspiradas, sobretudo, nos grandes pintores do passado, de Giotto a Picasso, de Michelangelo a Mantegna. Fo, de resto, sempre teve na TV um público fiel. Em junho passado, por exemplo, *Lu santo jullàre Francisco*, superou os 10% de share na primeira noite da Rai1. Saltar do Pobrezinho de Deus para o Flagelo do arianismo, não deixa de ser, porém, um passo arriscado.

A entrevista é de **ALESSANDRO ZACCURI**, publicada no *Avvenire*, 06-12-2014.

"Não, não - corrige imediatamente o prêmio Nobel -, ele diz essas coisas, porque ninguém conhece o verdadeiro Ambrósio. E quem o conhece, prefere censurá-lo".

A sério?

Ambrósio era um homem do poder, isso é indiscutível. Mas detestava a hipocrisia, a corrupção. Era, mais do que qualquer outro, um defensor dos pobres. Uma figura de extraordinária atualidade, isso posso assegurar-lhe.

Partimos, pois, da questão do poder?

Na época de Ambrósio, Milão era a capital do Império romano, um primado que durou mais de um século, um dado que, também, parece ninguém mais recordar hoje em dia. Bem, nesta capital, Ambrósio desempenhava um papel de extrema relevância, era o *consularis magnus*, o primeiro conselheiro do imperador Valentiniano. É nesta altura que surge a inesperada e não desejada, designação para bispo.

Que faz ele, então? Tenta escapar, encena uma fuga, disfarça-se, força a polícia a intervir. Ele que era chefe da polícia, compreende, age de modo a acabar enredado no meio dum escândalo.

Nada feito, teve de se apresentar, novamente, perante o público. Procure acompanhar-me, porque agora é que vem o mais bonito.

Não perco uma palavra.

Ambrósio começa a acusar-se a si próprio: "Sou um infame, não sou digno desta função, dentro de mim há algo que me obriga a recusar. Basta, devo ir-me embora. Aceitai a minha demissão, antes que eu acabe por aceitar o cargo". É nesta altura que, segundo a tradição, se ouve a voz duma criancinha dizer: "Não, tu és um santo homem". E, depois, outra voz ainda: "Com certeza que é, pois é o único homem do poder que, em vez de mascarar o seu triste comportamento, o denuncia e o admite". Diga-me se isto não é uma verdadeira democracia!

E luta contra a corrupção.

E luta contra a corrupção, claro. Também, do ponto de vista político, Ambrósio conhecia a arte do compromisso, mas nunca para fins pessoais. Vê-se isso na disputa com Simmaco, que é, talvez, a sua obra prima na arte da oratória. Golpe após golpe, ele encosta o interlocutor à parede, redu-lo ao silêncio, argumentando a favor da libertação dos escravos, da comunidade de bens...

Está a fazer dele um precursor de Francisco.

Do santo de Assis e também do Papa atual, creio eu. Observo nestes homens a mesma coragem de atacar, duramente, o poder, a mesma falta de sujeição, a mesma vontade de não se sujeitar a pactos. Basta escutar, com atenção, as prédicas que o Papa pronuncia todos os dias em Santa Marta, para nos darmos conta de que tipo de linguagem é aquela, de que são aqueles os objetivos.

Sabe, com certeza, que nem todos os católicos antipatizam com Dario Fo?

Claro que sei.

E você, simpatiza com os católicos?

Nunca alimentei preconceitos, se é a isso que se refere a sua pergunta. Pelo contrário, a Igreja tem sido muito importante na minha vida. Recordo duas circunstâncias, em particular. A primeira remonta à minha infância. Ao meu lado, entre Varese e o lago Maior, existe uma espécie de pequenino país, Domo Valtravaglia, de onde, por tradição, eram recrutados os pequenos cantores do Duomo de Milão. Também chegou a minha vez, e foi assim que aprendi a ler música, e a trabalhar a minha voz. Os meus mestres, todos eles eram padres, infelizmente não os mais estimados no ambiente eclesiástico, mas pessoas vivas, cheias de espírito, que se esforçavam por se compreenderem a si mesmas, para melhor compreenderem os outros.

E o outro episódio?

Passou-se em Milão, no pós-guerra. Eu frequentava os meios socialistas e comunistas, mas quem me marcou mais intensamente foram os jesuítas, que, naquela altura, eram capazes de empreendimentos incríveis no campo social e, mais ainda, de iniciativas muito audazes no âmbito da arte. Às vezes, ouvia-os pregar e dizia para comigo: será possível que isto seja um jesuíta? Foi então que ouvi falar, pela primeira vez, em Santo Ambrósio, como uma figura revolucionária. No decurso dos anos, permaneci, sempre, muito próximo de padres deste tipo, e eles permaneceram, também, muito chegados a mim. Recorriam a mim com frequência, e ajudei-os sempre que pude. Agrada-me a Igreja que está no meio dos pobres, agradam-me as pessoas corajosas, que põem o valor humano na base do seu agir.

Numa palavra, agrada-lhe Ambrósio.

Sim, agrada-me Ambrósio, agrada-me Francisco e agrada-me o papa Francisco.

Quando um papa reabilitou Dante: É o sumo poeta católico

Numa encíclica de 1921, Bento XV reivindicava a fé da *Divina Comédia*, apesar das duras críticas à Igreja. Antecipando algumas aberturas de **Bergoglio**.



No dia 30 de abril de 1921, num pós-guerra de inquietações, foi dada a conhecer aos italianos uma encíclica de conteúdo inesperado.

Era dedicada a um poeta e era assinada pelo Papa Bento XV, um pontífice de grande inteligência política (havia denunciado o "massacre inútil" da Primeira Guerra Mundial).

O poeta era **DANTE**, que, depois de séculos de discordância, a Igreja pretendia reabilitar. A encíclica *In praeclara summorum* era uma inédita homenagem à religiosidade católica de Dante, mas com claras alusões à força intelectual da crítica dantesca aos poderes da Igreja, à vontade de poder dos papas, ao clero corrupto.

Era uma reapropriação, talvez esperada há algum tempo nalguns segmentos do catolicismo, mas adiada depois da plena reivindicação da obra teórica e da poesia de Dante, vetores de liberdade e verdade para a "nação" italiana, por parte da cultura liberal e democrática e de todas as estruturas ideais do Ressurgimento.

A nova liberdade da Itália também era modelada sobre a rejeição de Dante dos muitos poderes fraudulentos da Igreja, temporais e não.

Bento XV não sabia que, oito anos depois, em 1929, o seu sucessor assinaria cinicamente com o Estado fascista um pacto não liberal. Mas, como homem de cultura, Bento XV – que, em alguns aspetos, parece ser o precursor das aberturas do Papa Francisco – tinha intuído que uma eventual superação daquele dissídio não poderia deixar de passar mediante um diálogo com Dante.

O papa fala de um homem que crê em Deus e numa Igreja digna do seu papel universal, mas que abre espaço para a crítica histórica da Igreja. No Canto XI do *Paraíso*, Dante deixa o maior elogio à pobreza e à "admirável vida" de São Francisco e, no XXVII, a mais veemente inventiva de São Pedro contra as degenerações da Igreja e da própria figura do papa.

A encíclica não podia ignorar tudo isso, mas o texto revela um certo sofrimento de composição. Além da ideologia, segundo o pontífice, há, apenas no

valor estético da poesia de Dante, o caminho aberto para a doutrina católica:

"Embora não seja escasso o número dos grandes poetas católicos que unem o útil ao agradável, em Dante é singular o facto de que, fascinando o leitor com a variedade das imagens, com a vivacidade das cores, com a grandiosidade das expressões e dos pensamentos, ele o arraste ao amor da sabedoria cristã. (...) Por isso, embora separado de nós por um intervalo de séculos, ele ainda conserva o frescor de um poeta da nossa época e certamente é muito mais moderno do que alguns recentes."

Nessa tentativa, havia intenções específicas. As palavras da encíclica diziam respeito justamente ao clima filosófico e político italiano daqueles anos, marcados não só pelo sobrevivente Modernismo, mas também pela presença cada vez mais incisiva do pensamento de Benedetto Croce e a progressiva laicização da educação pública.

O confronto cultural entre a cultura católica e a liberal e laica, portanto, estava prestes a tornar-se um desafio para os mais altos níveis. Por isso, Dante podia ser uma primeira trincheira da doutrina cristã posta no campo até então ocupado por um Dante laico e ressurgimental. Era preciso fazer da *Divina Comédia* um testemunho de fé.

Daí o pano de fundo operativo: "Pois, embora em alguns lugares o 'poema sagrado' não seja mantido longe das escolas públicas e, de facto, seja contado entre os livros que devem ser mais estudados, porém, ele não costuma fornecer aos jovens aquele alimento vital que é destinado a produzir, já que estes, pela direção defeituosa dos estudos, não estão predispostos à verdade da fé, como seria necessário".

Poucos meses antes da publicação da encíclica, em setembro de 1920, Croce enviava às livrarias *La poesia di Dante*. Esse ensaio, por anos, estaria no centro de amplas discussões críticas, mas o que importava naquele momento para a Igreja é que Croce era ministro da Educação Pública e que o método de Croce abria perspectivas pedagógicas muito diferentes das esperadas por Bento XV. As instruções à leitura de Dante por parte do ministro Croce eram claras.

A encíclica era para ser uma primeira resposta, imediata, para essas instruções? É preciso pensar a respeito. Sobretudo ao ler esta passagem: "A sua *Comédia*, que merecidamente recebeu o título de divina, mesmo nas várias ficções simbólicas e nas recordações da vida dos mortais sobre a terra, não visa outro fim senão glorificar a justiça e a providência de Deus".

Ao contrário do que se possa imaginar, este discurso tão problemático sobre Dante ainda está em aberto, na pesquisa histórica e estética e também na teológica. O humano e divino dantesco sempre se enfrentam e esperam respostas renovadas.

A reportagem é de **LUCIO VILLARI**, foi publicada no jornal *La Repubblica*, em 08-11-2014.